

de funções

Uma velha máxima que todos os diplomados nas escolas de economia e de gestão de empresas aprendem nos primeiros anos da sua formação é que os recursos económicos são escassos.

Essa sua escassez determina que devam ser aplicados de acordo com normas de eficiência e também de equidade.

As universidades são as principais plataformas de criação de conhecimento e de desenvolvimento de recursos humanos qualificados, características estas fundamentais para potenciar relações de sucesso com as empresas.

Desde há muito que é reconhecido o interesse mútuo da colaboração entre universidades e empresas (c.f. Altan, 1987 e Peters e Fuschfeld, 1982). As primeiras, pelo facto de encontrarem nas empresas uma fonte alternativa de financiamento (com a vantagem acrescida de, muitas vezes, envolver menos burocracias que o financiamento público), e pelo facto da investigação financiada pelas empresas poder expor estudantes e investigadores a problemas de investigação do "mundo real". As segundas, por acederem, através das universidades, a mão-de-obra especializada, a resultados de investigação básica e aplicada, que permitem o desenvolvimento de novos produtos e/ou processos, a soluções para problemas específicos e a "expertise" profissional, que habitualmente não se encontra nas empresas. Através das universidades, as empresas conseguem ainda aceder a um

JORGE M. ANDRAZ | PAULO M. RODRIGUES

FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

conjunto de infra-estruturas universitárias, assistir e colaborar na educação e formação ao longo da vida e ainda obter prestígio, com a conseqüente melhoria da sua imagem no mercado.

Apesar de, no passado, as empresas, as universidades e as autoridades públicas desempenharem diferentes papéis na criação, aplicação e controlo do fluxo de conhecimento, assiste-se actualmente a uma interdependência crescente e a uma diluição das fronteiras das suas áreas de influência e de acção, devido aos fortes estímulos, para todas as partes, no estabelecimento de relações de cooperação. Hoje em dia, verifica-se que a forma de produção e aplicação do conhecimento depende fortemente de redes de contacto (*networking*), de relações multidisciplinares e da interacção com problemas práticos.

Existe uma vasta literatura sobre a cooperação universidade-empresas ligada às mais variadas temáticas; veja-se, *inter alia*, Adams, Clemmons e Stephan (2004), Caloghirou, Tsakanikas e Vonortas (2001), Fontana, Genua e Matt (2003), Hall, Link e Scott (2001, 2003), Jacobsson (2002) e Mansfield e Lee (1996).

AS RELAÇÕES UNIVERSIDADE/EMPRESAS

Após muito tempo de vivências separadas, temos vindo a assistir a uma progressiva aproximação entre o sistema educativo e de formação e o "mundo real", ou seja, o mundo da actividade empresarial. Vivemos actualmente num contexto de grande instabilidade económica e social, do qual decorrem grandes implicações quer para a universidade quer para a actividade empresarial. A primeira é pressionada pela necessidade de procurar recursos financeiros fora dos mecanismos tradicionais, isto é, fora do financiamento governamental. A segunda está pressionada pela necessidade de inovação para competir num mercado global, cada vez mais competitivo.

Este contexto define uma necessidade de aproximação entre a universidade e a empresa. A universidade percebeu que não podia permanecer de costas voltadas para a realidade que,

supostamente, serve de base e de fundamento à sua existência. Percebeu que tinha de encetar um esforço continuado de adaptação e de satisfação daquilo que são as exigências de um mundo em constante mutação, apresentando-lhe soluções e retirando dele vários ensinamentos.

A FORMAÇÃO, AS EMPRESAS E A SOCIEDADE

A sociedade não pode ignorar o contributo universitário na formação de "massa crítica" capaz de responder às suas exigências, as quais assumem cada vez mais um carácter fortemente dinâmico. A preferência por trabalhadores cada vez mais qualificados é disso um sinal claro. A proliferação acelerada de novos problemas, complexificados pela forte teia de relações da sociedade actual, exige que a formação de quadros seja um processo contínuo e que deva ocorrer em simultâneo com o exercício da actividade profissional.

Estas exigências têm sido particularmente sentidas entre os licenciados em economia e em gestão de empresas que, após a sua formação base universitária, regressam às universidades para frequentarem cursos de pós-graduação e de mestrado ou ainda outros cursos de formação, de menor duração. A procura desta formação complementar assenta, quase exclusivamente, em dois objectivos que estão estreitamente ligados à situação profissional dos interessados: por um lado, o aprofundamento de conhecimentos pertencentes ao domínio da actividade desempenhada como via para a progressão profissional; por outro, a obtenção de um grau académico mais elevado antes mesmo de se iniciar a entrada no mercado de trabalho. É a evidência sentida do grau de exigência progressivamente maior em qualquer actividade profissional, que procura alcançar patamares de eficiência cada vez mais elevados e conseguir, à custa disso, objectivos de equidade.

Este sentimento generalizado da importância do aprofundamento da formação académica resulta numa forte interdependência entre universidade e empresa. Uma interdependência que se pretende que seja benéfica para ambas as partes, ou seja, que potencie as condições para que o mercado do trabalho se encontre em equilíbrio. É preciso

*A universidade
deve envolver-se
na criação de
programas de estágios
em conjunto
com as entidades
empresariais
e com a própria
Ordem dos
Economistas.*

que os diplomados tenham um perfil de formação que corresponda às necessidades das empresas, sendo consequentemente empregáveis no curto prazo. Só assim a sociedade começa a receber rapidamente o retorno dos recursos investidos na sua formação.

A UNIVERSIDADE

A universidade deve assumir-se como um organismo vivo, que estuda o meio em que se insere, para melhor se adaptar à sua evolução. Esse processo adaptativo terá certamente implicações na sua vida interna e até mesmo na sua missão. Contudo, os compromissos clássicos assumidos como agente de produção, transmissão e disseminação de conhecimentos, quer através do ensino, quer através da investigação teórica e aplicada, deverão continuar a desempenhar um papel de grande relevo e deverão ser coordenados com a maior abertura e a maior capacidade de resposta às solicitações externas.

São vários os factores que tornam premente uma alteração de comportamentos e de atitudes da universidade perante o meio:

- As dificuldades financeiras que a universidade enfrenta neste momento, em termos do que tem sido o financiamento tradicional através do Orçamento de Estado. Esta situação leva a universidade, ou mais concretamente cada faculdade, a procurar novas fontes de financiamento em termos de receitas próprias e a adoptar critérios de eficiência nos gastos. **Os condicionalismos financeiros exigem da universidade, como um todo, uma atitude empreendedora.**
- Decorrente dos problemas orçamentais, a "universidade-empresa" concorre no mercado pela captação de clientes (leia-se alunos) que infelizmente não possuem, geralmente, a preparação necessária para receber uma formação superior universitária. Porque uma empresa vive da imagem que constrói, e essa materializa-se na qualidade dos profissionais que forma, a universidade deverá colmatar as insuficiências de formação que os alunos apresentam à entrada, com a oferta de módulos de formação que sustentem uma sólida formação superior, adequada às necessidades do meio. **As falhas do sistema exigem da universidade uma atitude de correcção e de adaptação.**

- Não raro é assistir-se, hoje em dia, ao desempenho de funções de relevo em empresas por docentes universitários e, simultaneamente, à integração de empresários no corpo docente universitário. Trata-se de levar a universidade à empresa e, reciprocamente, dinamizar o ensino, combinando a sua carga teórica e excessivamente "academista", tal como muitas vezes é acusado, com a experiência e a resolução dos problemas da gestão corrente. Contudo, a universidade nunca deverá perder de vista o desenvolvimento da formação e da investigação naquelas que são as suas áreas nucleares. **A inter-acção com o meio exige da universidade um diálogo contínuo e construtivo, materializado na troca de experiências e na transmissão recíproca de ensinamento.**
- A forte concorrência que se assiste actualmente e a necessidade imperiosa de abertura ao meio envolvente exigem uma clara definição da missão e dos objectivos da universidade. Mais ainda, é fundamental que haja uma perfeita transmissão e compreensão da sua missão e dos seus objectivos por todos, quer docentes, funcionários e alunos, quer pela comunidade em geral. **A clara explicitação da missão da universidade é a base para se compreender a sua estratégia de acção.**
- O carácter empreendedor da universidade deverá ter visibilidade no meio externo e na sua ligação a outras entidades para a realização cooperativa de projectos quando a sua actuação isolada não for de todo possível. **A universidade deve partilhar valências e experiências.**

AS VERTENTES DA COOPERAÇÃO

São fundamentalmente quatro as áreas em que se podem estabelecer vertentes de cooperação e de complementaridades entre a universidade e as empresas. Essas são: a formação, a investigação, o emprego e a utilização de infra-estruturas. Em todas estas áreas, a universidade desempenha um papel relevante ao satisfazer a procura de mercado, obtendo, dessa forma, o reconhecimento das suas capacidades, potencialidades e valências.

A formação tem sido a forma clássica de cooperação entre a universidade e as empresas e, de uma forma geral,

entre a universidade e a sociedade. Tradicionalmente, temos a formação universitária e a formação durante a vida activa que se consubstanciam na oferta de cursos de licenciatura, de mestrado, de doutoramento, e ainda de cursos de especialização de curta e média duração. Sendo actualmente reconhecida a importância das receitas próprias no desempenho da universidade, esta deverá desenvolver estratégias de marketing de divulgação e comercialização dos cursos que lecciona e oferecer garantias de qualidade no serviço que presta à comunidade.

A investigação e a consultoria são actividades através das quais a universidade contribui para o avanço tecnológico e económico da empresa e da sociedade em geral.

A forte inter-acção entre a universidade e a empresa propicia condições que facilitam o primeiro contacto dos licenciados com o mercado do trabalho e a progressão nas respectivas carreiras profissionais. A universidade deve envolver-se na criação de programas de estágios em conjunto com as entidades empresariais e com a própria Ordem dos Economistas. Com isto não estamos a defender um programa de estágios integrado no plano curricular das licenciaturas. Tal opção não faria, neste momento, sentido, dada a reestruturação curricular em curso decorrente do Processo de Bolonha. O estágio deve ser realizado após a conclusão do primeiro ciclo, e deverá contar com o envolvimento e acompanhamento da universidade e dos docentes. Isto constitui uma importante fonte de informação de cada universidade sobre a qualidade do desempenho profissional dos seus licenciados.

Finalmente, a utilização dos equipamentos e instalações das universidades pelas empresas representa outra forma de cooperação e de complementaridade. Em muitos casos, a realidade empresarial das regiões de influência de cada universidade é constituída por pequenas e médias empresas, para as quais a instalação e manutenção de laboratórios informáticos, de salas de conferências ou outras infra-estruturas não é economicamente viável. O aluguer de instalações da universidade pode assim viabilizar a pesquisa nessas empresas e a formação do seu pessoal.

CONCLUSÃO

As universidades têm o dever de investigar para além do que constitui a esfera de interesses das empresas, de modo a dotar a sociedade das habilitações e dos conhecimentos que contribuam, directa e indirectamente, para o desenvolvimento económico. Isto é uma condição fundamental e crucial de qualquer sociedade desenvolvida e que as universidades nunca devem perder de vista.

Actualmente, assiste-se a uma mutação da natureza das relações entre a universidade e as empresas devido à necessidade de uma cooperação mais efectiva. Nesse

sentido, estão a ser desenvolvidos esforços pelo Governo e por outras entidades públicas com vista ao fortalecimento deste processo, de modo a desenvolverem-se activamente aplicações para o conhecimento fornecido pelas universidades e adequar os currículos dos cursos ministrados nas universidades para melhor reflectir o estado actual das necessidades empresariais e da sociedade em geral.

><

REFERÊNCIAS

- Adams, J.A., J.R. Clemmons e P.E. Stephan (2004), "Standing on Academic Shoulders: Measuring Scientific Influence in Universities," NBER Working Paper No 10875.
- Atlan, T. (1987) "Bring Together Industry and University Engineering Schools", In Getting More out of R&D and Technology, The Conference Board, Research Report #904.
- Caloghirou, Y., A. Tsakanikas e N.S. Vonortas (2001) "University-Industry Cooperation in the Context of the European Framework Programmes," *Journal of Technology Transfer* 26, 153-161.
- Fontana, R., A. Genua e M. Matt (2003), "Firm Size and Openness: The Driving Force of University-Industry Collaboration," *SPRU Electronic Working Paper Series No 103*.
- Hall, B.H., A.N. Link e J.T. Scott (2003) "Universities as Research Partners," *Review of Economics and Statistics*.
- Jacobsson, S. (2002) "Universities and industrial transformation, An interpretative and selective literature study with a special emphasis on Sweden," *SPRU Electronic Working Paper Series No 81*.
- Mansfield, E. e J-Y Lee (1996) "The Modern University: Contributor to Industrial Innovation and Recepter of Industrial Support," *Research Policy* 25, 1047-1058.
- Peters, L.S. e H.I. Fuschfeld (1982) "University-Industry Research Relationships," *National Science Foundation*.